



Na farmácia, preço é o que interessa

Pesquisa mostra principal preocupação do consumidor ao optar por uma drogaria. Porém, recomenda-se cautela com qualidade

DA REDAÇÃO

Tempo na fila, qualidade no atendimento, localidade e facilidade para estacionar ficam em segundo plano na hora de escolher uma farmácia. Para o consumidor, o fiel da balança ainda é o que pesa no bolso. Os clientes de drogarias se preocupam mais com os custos e promoções do que com os benefícios oferecidos pelas empresas.

A conclusão consta de pesquisa da consultoria CVA Solutions, sob encomenda do laboratório farmacêutico Takeda. Realizado em junho, o levantamento foi formulado com base em respostas de 6.195 pessoas entre 31 e 55 anos.

Segundo o estudo, o consumidor realiza, em média, duas compras em farmácias por mês. Para 35% dos entrevistados, o principal fator para escolher uma drogaria ainda é o custo dos medicamentos. "Como preciso de muitos remédios, procuro comprar no local com o melhor preço", afirma a pensionista Verônica Suzete de Assis, que faz uso de sete tipos de produtos.

Para economizar, o que vale ainda é a velha (e boa) pesquisa de preço. "Procuro ir a cinco, seis farmácias diferentes. A que tem o melhor preço ganha uma nova cliente", continua Verônica. Pechinchar também é regra. "Se (a farmácia) cobrir o preço, melhor ainda".

A professora aposentada Berenice Francisco Moura também procura ofertas e promoções antes das compras mensais de medicamentos. "Tomo, com orientação médica, alguns complexos vitamínicos. Como são caros, o ideal é procurar os



Uma das atribuições do farmacêutico responsável pelo local de venda de medicamentos é orientar o consumidor sobre os efeitos dos remédios

mais em conta".

O impacto dos custos na escolha de farmácias, segundo a pesquisa, é o terceiro maior entre 25 canais de venda de produtos e serviços analisados pela consultoria: só perde para seguradoras de automóveis e bancos.

Em termos de comparação, o valor de um eletrodoméstico é analisado por 30% dos consumidores; na escolha do bar para uma cerveja entre amigos, 28% avaliam o preço.

CUIDADO

O gerente de uma farmácia na Vila Mathias, Alexandre Hiram, confirma a procura pelo melhor custo, "como em qualquer relação de venda".

Ele, porém, aconselha analisar as opções disponíveis no mercado a fim de verificar a qualidade do medicamento. "Em alguns casos, o tratamento pode ser prolongado. Assim, o barato sai mais caro". Além do custo extra, Hiram cita eventuais danos à saúde.

Aliás, responder sobre a qualidade do remédio comercializado é uma das atribuições do farmacêutico responsável pelo estabelecimento. É o que esclarece o professor do curso de Farmácia da Universidade Católica de Santos (Unisantos) Paulo Angelo Lorandi.

"Em tese, para um medicamento estar no mercado, precisa ter garantias de qualidade, verificadas por órgãos governamentais", afirma. No entanto, derrame de remédios falsos e

cargas roubadas ou vencidas podem comprometer a fiscalização, que é de competência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Lorandi acrescenta que a variação de preços se dá pelo elevado número de indústrias farmacêuticas instaladas no País. Nesse quesito, a qualidade do fabricante deve ser colocada na balança. Como são poucos os parâmetros de análise, ele aconselha ao consumidor seguir as recomendações médi-

cas de dosagem e de princípio ativo do medicamento.

VARIEDADE

Entretanto, os principais fatores considerados pelo consumidor são a variedade e a disponibilidade de produtos: para 47% dos entrevistados, esse é o item que mais pesa na hora de escolher uma drogaria. "Nada mais chato do que não encontrar o remédio receitado. Pior ainda se tentam empurrar um similar", diz o mecânico aposentado João Bosco Medeiros.

O professor da Unisantos explica que os medicamentos genéricos seguem rigorosos parâmetros estabelecidos pela Anvisa e são idênticos aos produtos de marca. A forte concorrência do setor e a quebra de patentes dos remédios de referência auxiliam na redução do custo final ao consumidor.

Os medicamentos similares, entretanto, não são bioequivalentes, ou seja, não possuem análises capazes de atestar seus efeitos nos pacientes idênticos aos dos remédios de referência. "São casos de medicamentos que não funcionam ou, até, fazem mal", continua Lorandi.

Olevantamento indica também que os medicamentos são a categoria mais procurada nas farmácias. Pelos menos sete em cada dez clientes vão à drograria com o propósito de comprar remédios.

Outros pontos decisivos na escolha do consumidor são a fama e a reputação da farmácia, que atraem 29% dos consultados na enquete.

Falta remédio mesmo sem greve

A greve de servidores federais encerrada há 15 dias ainda produz consequências na área da saúde. A falta de medicamentos de uso controlado nas prateleiras das farmácias pode prejudicar o tratamento de doenças graves, como hipertensão e diabetes.

A Tribuna percorreu farmácias santistas na manhã de ontem e verificou a falta de insulina, antidepressivos, remédios para hipertensão e para tratamento contra o câncer. Fabricantes citam que o fato é reflexo da greve dos servidores públicos da Anvisa e da Receita Federal, que reteve, nas alfâns-

egas, produtos químicos usados na indústria.

"São medicamentos que, normalmente, são difíceis de encontrar, com ou sem greve", menciona o proprietário de uma farmácia de Santos, sem se identificar. Ele culpa a Anvisa pelo desabastecimento. "A burocracia (para importar) é muito grande".

Opinião semelhante tem a Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma), que atribui o problema à lenta liberação de medicamentos nos portos brasileiros.

Segundo a Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica

(Abramed), os estoques de grande parte das entidades que atuam no setor estão praticamente esgotados. Conforme dados da instituição, a falta de medicamentos atinge 75% dos hospitais particulares.

ANVISA

Em nota, a Anvisa nega o desabastecimento. Segundo o órgão, as atividades foram normalizadas no dia 3, com a volta dos servidores às atividades.

Entretanto, a agência menciona um "passivo decorrente da paralisação". Alega, ainda, que alguns remédios sofreram atrasos na liberação de impre-

tação, mas não há falta.

São necessários ao menos cinco dias para liberar processos de importação de produtos farmacêuticos, segundo especialistas do setor. Em decorrência da greve, que durou 47 dias, houve acúmulo de pedidos.

Conforme a *A Tribuna* publicou em 15 de setembro, o órgão informou que as operações portuárias já estão normalizadas. Houve força-tarefa dos servidores para que os processos fossem postos em ordem.

Em reunião realizada em 31 de agosto, a diretoria da Anvisa revisou a portaria que trata das exigências relacionadas à importação de produtos. A medida, segundo a entidade, é para facilitar a liberação de medicamentos e produtos para saúde após o fim da greve.

Em dados

15

por cento
dos consumidores
afirmam comprar
medicamentos de tarja
vermelha ou preta sem
apresentar receita médica

18

por cento
revelam adquirir remédios
de uso controlado sem
passar por um médico

FONTE: ASSOCIAÇÃO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA DE PESQUISA (INTERFARMA)

37

por cento
dos farmacêuticos comentam
recomendar medicamentos
diferentes dos prescritos sem
que isso lhes seja solicitado

68

por cento
dos atendentes dizem sugerir
remédios de marca diferente da
que estava na receita, mesmo
sem o consumidor pedir